



---

## **A MÚSICA COMO FERRAMENTA ANTIRRACISTA NO ENSINO DE CARTOGRAFIA ESCOLAR**

**Letícia de Paula e Silva Andrade**

Mestranda em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

*E-mail:* leticiandr97@gmail.com

**Bianca de Souza Rocha**

Mestranda em Geografia Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

*E-mail:* biancasouzageo@gmail.com

---

### **RESUMO**

A música enquanto linguagem e representação artística pode vir a ser um importante instrumento de leitura de paisagens e espaços geográficos e importante recurso didático na transmissão do conhecimento, permitindo aos alunos maior compreensão de que a Geografia está presente das mais variadas formas e através de diversas linguagens. O uso dessas formas visa a aproximação do conteúdo com a realidade do aluno, facilitando sua compreensão. Além de tais alternativas metodológicas promoverem maior abrangência na construção do raciocínio geográfico. Portanto, com o objetivo de tal identificação, buscou-se neste trabalho utilizar a música como ferramenta de auxílio para o ensino de cartografia escolar, sobretudo músicas que possuem como temática central a questão da espacialidade e que trazem através de uma abordagem artística os conceitos e as categorias de análise da Geografia oportunizando diálogos antirracistas e de empoderamento negro, visto que as contribuições africanas em diversas áreas da sociedade foram constantemente apagadas e desvalorizadas ao longo da história.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; Cartografia; Antirracismo.

### **INTRODUÇÃO**

A partir da década de 1980 o Ensino de Geografia no Brasil começou a sofrer transformações significativas; visto que os avanços do caráter pedagógico proporcionados pelos documentos e parâmetros educacionais da Constituição de 1988 e também da própria ciência geográfica com relação às dinâmicas sociais e de compreensão da formação social, principalmente a partir da perspectiva humanista com o materialismo histórico dialético, a disciplina de geografia nas escolas avança com discussões histórico críticas que permitirão aos alunos uma melhor compreensão de espaço e sociedade e aos professores uma compreensão de que ensinar baseado no trinômio “sociedade, economia e natureza” como áreas distintas e sem inter-relação era resumir a disciplina somente ao ambiente escolar, sem estabelecer ligação concreta com a vida e realidade dos alunos; perdendo a complexidade e a essência da própria disciplina, já que não havia interpretações e reflexões acerca do real, dificultando uma aprendizagem efetiva e com viés crítico e transformador. Como afirma Milton Santos, um dos maiores precursores da Geografia Crítica no Brasil:



Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social. (SANTOS, 1997, p. 81).

Para se ensinar e também compreender as contradições e consolidações espaciais do Brasil, é então necessário percorrer sobre sua história social. O Brasil, como país colonizado teve o negro, o branco e o índio como atores de sua miscigenação (majoritariamente forçada), mas sempre evidenciando a supremacia branca em detrimento das outras duas etnias. Rastros que perpassam o tempo e se mantêm até a atualidade. Tendo o índio como selvagem e o negro como inferior e marginalizado - embora este componha a maior parte da população. O que evidencia Fiorin em seu texto acerca da identidade nacional e da exclusão social intrínseca ao país:

A cultura brasileira euforizou de tal modo a mistura que passou a considerar inexistentes as camadas reais da semiose onde opera o princípio da exclusão: por exemplo, nas relações raciais, de gênero, de orientação sexual, etc. A identidade auto descrita do brasileiro é sempre a que é criada pelo princípio da participação, da mistura. Daí se descreve o brasileiro como alguém aberto, acolhedor, cordial, agradável, sempre pronto a dar um “jeitinho”. Ocultam-se o preconceito e a violência que perpassa as relações cotidianas. Esconde-se o que opera sob o princípio da triagem. (FIORIN, 2016, p.74).

A sociedade brasileira foi condicionada a negar as contribuições realizadas pelos africanos e indígenas ao longo de sua formação. Na perspectiva da exclusão dos dois grupos e nunca em sua admissão, tanto é verdade, que o governo proporcionou políticas para o branqueamento da população.

A escola, dentro desta lógica, pode ser um grande mecanismo para a perpetuação de práticas e discursos racistas, mesmo que involuntariamente, pelo fato de o racismo ser um fator estruturante da sociedade brasileira, em que todos são racistas em algum nível. Somada à representações do negro em livros didáticos, sempre na condição de “ser escravo”, e não “ser escravizado”, como se tivessem aceitado tal determinação; no Brasil, os africanos perderam totalmente sua identidade e sua história. Além da própria formação dos professores ser limitada quanto a estas questões, não sendo instruídos a trabalhar o tema das africanidades de maneira antirracista, não evidenciando as contribuições realizadas e não estimulando a autoestima dos alunos negros; visto que na própria Universidade não se tem aulas ou disciplinas que abordem a Geografia do continente Africano, o que dificulta ainda mais que professores e professoras se

apropriem dos conhecimentos e possam mudar a realidade do ambiente escolar e do processo de ensino-aprendizagem.

O sistema escolar tem sido estruturado para a perpetuação de uma ideologia sócio-político-econômica que, junto com os meios de comunicação social, mantém uma estrutura classista, transmissora de valores distorcidos e individualistas. Primeiro, são os livros didáticos, que ignoram o negro brasileiro e o povo africano como agente ativo da formação geográfica e histórica. Em segundo, a escola tem funcionado como uma espécie de segregadora informal. A ideologia subjacente a essa prática de ocultação e distorção das comunidades afro-descendentes e seus valores tem como objetivo não oferecer modelos relevantes que ajudem a construir uma auto-imagem positiva, nem dar referência à sua verdadeira territorialidade e sua história (ANJOS, 2005, p. 174).

Visto as irregularidades frequentemente causadas pelo modelo econômico vigente, a Geografia detém contribuições pertinentes ao ensino por poder auxiliar no desenvolvimento de reflexões críticas acerca dos fatos, por estabelecer conexões entre os acontecimentos e suas causas, despertando a autonomia do pensamento e da participação ativa dos sujeitos em seus ambientes e na sociedade, entendendo também que não há separação entre a vida antrópica e o meio natural. De acordo com Saul e Voltas (2017, p.148): “a escola, nas sociedades capitalistas, é um espaço contraditório que tem a potencialidade de contribuir tanto para a reprodução das ideologias dominantes, quanto para a formação de sujeitos críticos e criativos”.

Embora ainda hoje existam contradições na forma de se ensinar Geografia por serem apresentados aos alunos os conteúdos de forma estática, sob a ótica de tendências pedagógicas tradicionais e escolanovistas, e predominantemente através do livro didático, devido, inclusive, à falta de recursos das escolas e às condições de trabalho dos professores, não se pode perder de vista as potencialidades que a disciplina pode oferecer, com transformações significativas que corroboram para uma melhor compreensão e relação dos alunos com suas respectivas realidades. Anjos discorre sobre a disciplina:

Ela expõe a diversidade regional, as desigualdades espaciais e a heterogeneidade da população. Essa é a área de conhecimento que tem o compromisso de tornar o mundo e suas dinâmicas compreensíveis para os alunos, de dar explicações para as transformações territoriais e de apontar soluções para uma melhor organização do espaço. A geografia é, portanto, uma disciplina fundamental na formação da cidadania do povo brasileiro, que apresenta uma heterogeneidade singular na sua composição étnica, socioeconômica e na distribuição espacial (ANJOS, 2005, p.176-177).



A Cartografia, nesta questão, pode ser um instrumento de grande auxílio, por ser um tipo de linguagem que se expressa através do visual, elaborada de acordo com o interesse de quem a executa. Como afirma Santos e Melo (2014, p.109): “A cartografia contém propriedades que, junto à realidade cotidiana dos alunos, tornam-se um valioso instrumento no desenvolvimento da capacidade de interpretação, compreensão, análise, expressão de ideias, construção de conhecimento e mudança de atitudes.”

Sendo de grande valia a consideração do aluno como portador de saberes pré-existentes que podem ser utilizados dentro de sala de aula, ao tratar dos conteúdos geográficos, o professor pode estabelecer analogias com situações, lugares e fatos já conhecidos dos alunos através de escalas geográficas, indo de assuntos locais a globais e de globais à locais. Pois ao estabelecer uma conexão com o real vivido, o processo de aprendizagem passa a ter maior sentido e eficácia. Cavalcanti (2019) explica acerca do Raciocínio Escalar, que é justamente ordenar o pensamento a partir de escalas, dimensões locais/regionais/globais para analisar e compreender a manifestação dos fenômenos.

Nesta instância, cabe diferenciar os termos Escala Geográfica, que diz respeito à própria extensão do espaço que se está levando em conta, e Escala Cartográfica, que faz referência à fração da divisão de uma superfície ilustrada em um documento cartográfico (SOUZA, 2013).

Uma das possibilidades proporcionadas pelas aulas de Geografia na escola, é auxiliar os alunos a desenvolverem um pensamento geoespacial, como afirma Pereira (2018, p.147): “O pensamento espacial é a maneira pela qual nos orientamos e concebemos o espaço geográfico que nos circunda. O desenvolvimento dessa habilidade é imprescindível na resolução de problemas, tanto aqueles do cotidiano como os mais complexos”. A música sendo utilizada como um recurso didático para o ensino de Cartografia, possibilita um melhor entendimento da realidade, dos lugares vividos e até mesmo do pensamento geoespacial, exemplificando na prática as escalas geográficas, pois são capazes de descrever o local, o regional e até o global.

Ainda para a mesma autora:

A canção possui uma potência para dialogar com as questões do presente, próprias dos estudantes, do lugar e também da relação com o mundo. A canção concebida como linguagem para a educação geográfica pode proporcionar ler o mundo e situar o lugar do estudante no pensamento geoespacial, construindo uma trama de significados acompanhada pela construção de conceitos. (PEREIRA, 2018, p.150),



As músicas são capazes de ilustrar até mesmo as desigualdades sociais presente nos espaços brasileiros. Um grupo que consegue retratar bem esta situação são os Racionais MCs, grupo da periferia de São Paulo que há mais de vinte anos é referência no estilo musical *rap*; não fazendo apologias ao crime, à violência e às drogas, mas construindo narrativas com as temáticas (dentre outras tantas) em forma de alerta para a juventude e expondo à sociedade a realidade periférica. Uma música do grupo que pode ser usada para evidenciar as contradições do espaço e a falta de oportunidades que enfrenta a população mais pobre e sobretudo negra é “Fórmula Mágica da Paz” de 1997, em que o eu lírico discorre sobre as contradições de seu lugar mas acredita que encontrará a paz (ou sua fórmula mágica).

A referida música evidencia o genocídio da população negra nas periferias “o Extremo Sul da Zona Sul tá tudo errado, aqui vale muito pouco a sua vida. Nossa lei é falha, violenta e suicida [...] Assustador é quando se descobre que tudo deu em nada, e que só morre o pobre.” Fala sobre costumes e do futuro dos muitos que entram para a vida do crime “Tomando vinho seco em volta da fogueira. [...] Admirava os ladrão e os malandro mais velho. Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga o que melhorou? Da função, quem sobrou? Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá. Qual a próxima mãe que vai chorar?” Citando bairros da Zona Sul de São Paulo como: Jardim Santo Eduardo, Grajaú, Vila Missionária, Funchal, Pedreira, Vila Joaniza, São Luis, Capão Redondo, Cohab Adventista.

Apesar de carregar temas fortes, as músicas do grupo podem abrir espaço para entendimentos e análises críticas sobre as desigualdades e a falta de oportunidades presente na periferia da maior metrópole do país. Oportunizando um melhor entendimento geoespacial de regiões periféricas e até o estabelecimento de semelhanças e diferenças entre os bairros dos alunos e ao local da música; seria possível mapeamentos étnicos, socioeconômicos, de nível de escolaridade, de criminalidade. De acordo com Anjos:

Tratar da diversidade cultural brasileira num contexto geográfico, visando, portanto, reconhecer, valorizar e superar a discriminação aqui existente, é ter uma atuação sobre um dos mecanismos estruturais da exclusão social, componente básico para caminhar na direção de uma sociedade mais democrática, na qual os afro-descendentes se sintam e sejam brasileiros (ANJOS, 2005, p. 177).

Existem diversas músicas que retratam bairros, cidades e lugares de afeto e desafeto; cabendo ao professor a seleção da que melhor serve para a análise e



estabelecimento da relação espacial. Um bom exemplo de canção que retrata um bairro de afeto é “Meu Lugar”, composta por Arlindo Cruz e lançada em 2007, em que o eu lírico descreve seus sentimentos e o bairro de Madureira no Rio de Janeiro.

Ao longo das estrofes é possível perceber a relação de religiosidade estabelecida no meio: “O meu lugar, é caminho de Ogum e Iansã [...]Tem seus mitos e seres de luz[...] Quem não viu a Tia Eulália dançar, Vó Maria o terreiro benzer”. Discorre sobre as relações sociais e costumes: “É cercado de luta e suor, esperança num mundo melhor e cerveja pra comemorar [...] Tem jogo de ronda, caipira e bilhar, buraco, sueca, pro tempo passar.” Cita pontos comerciais e referências do espaço: “Em cada esquina um pagode, um bar, em Madureira, Império e Portela também são de lá [...] E no Mercado você pode comprar, por uma pechincha você vai levar”.

Mesmo que o professor e seus alunos não sejam especificamente desta localidade, é possível estabelecer relações com outros bairros periféricos ou centrais e fazer despertar outros olhares e até mesmo sentimentos por seus bairros de origem; cabendo a reflexão acerca das ocupações espaciais dos comércios, das instituições religiosas, dos costumes e das características sociais. A Cartografia pode ser mecanismo de mapeamento de questões até então não percebidas e ignoradas em bairros populares e centrais, mapeando até mesmo as subjetividades. Oportunizando diálogos antirracistas e de empoderamento negro, visto as contribuições africanas em diversas áreas da sociedade que foram constantemente apagadas e desvalorizadas ao longo da história, podendo através da disciplina serem localizadas e evidenciadas nos espaços.

## **MÉTODOS**

Os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento deste trabalho consistem em estudos bibliográficos e análises musicais que demonstram como a cartografia escolar pode ser trabalhada no ensino de Geografia das mais diversas formas e com uma inúmera possibilidade de ferramentas, sobretudo, com a utilização da música para compreender a linguagem espacial e a construção geográfica a partir de uma perspectiva crítica que elucide a importância de um estudo antirracista e anticolonial.

A música, que se configura como expressão artística e se dispõe enquanto prática cultural, revela além de combinações de sons e ritmos, significados que permitem compreender e até mesmo identificar as mais diversas relações geográficas que possibilitam maior aproximação com o conteúdo no sentido de desenvolver através

dessa relação, melhor identificação e aprendizagem do aluno com o conteúdo de cartografia escolar.

Visando trabalhar com uma perspectiva antirracista, as músicas selecionadas para o desenvolvimento do trabalho empregam e carregam elementos que caracterizam a relação da cultura afro-brasileira com o espaço geográfico. Seja a partir de elementos que abordam a religiosidade de matriz africana, de críticas que evidenciam a marginalização do negro/negra no país, a escolha de tais músicas corrobora para uma ampla compreensão da cartografia e da Geografia relacionada social, político, econômico e culturalmente com a afro-brasilidade.

## **RESULTADO E DISCUSSÕES**

Visto que a proposta central do trabalho é a utilização da música como ferramenta antirracista no ensino de cartografia escolar, será apresentado nesta seção como a música pode proporcionar discussões antirracistas, de valorização e reconhecimento das africanidades presentes nos espaços e também apresentar significados cartográficos, a partir de alguns exemplos aqui retratados. Uma das músicas utilizadas para se pensar e discutir a cartografia escolar é a música “O Meu Lugar” do cantor e compositor Arlindo Cruz.

O meu lugar  
É caminho de Ogum e Iansã  
Lá tem samba até de manhã  
Uma ginga em cada andar  
  
O meu lugar  
É cercado de luta e suor  
Esperança num mundo melhor  
E cerveja pra comemorar  
  
O meu lugar  
Tem seus mitos e seres de luz  
É bem perto de Osvaldo Cruz  
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá  
  
O meu lugar  
É sorriso é paz e prazer  
O seu nome é doce dizer  
Madureira, lá laiá



Madureira, lá laiá

O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã

Lá tem samba até de manhã

Uma ginga em cada andar

Cada andar

O meu lugar

É cercado de luta e suor

Esperança num mundo melhor

E cerveja pra comemorar

O meu lugar

Tem seus mitos e seres de luz

É bem perto de Osvaldo Cruz

Cascadura, Vaz Lobo e Irajá

O meu lugar

É sorriso é paz e prazer

O seu nome é doce dizer

Madureira, lá laiá

Madureira, lá laiá

Ah lugar

A saudade me faz lembrar

Os amores que eu tive por lá

É difícil esquecer

Doce lugar

Que é eterno no meu coração

Que aos poetas traz inspiração

Pra cantar e escrever

Ai meu lugar

Quem não viu Tia Eulália dançar

Vó Maria o terreiro benzer

E ainda tem jongo à luz do luar

Ai que lugar

Tem mil coisas pra gente dizer

O difícil é saber terminar

Madureira, lá laiá

Madureira, lá laiá

Madureira

Em cada esquina um pagode num bar





Em Madureira  
Império e Portela também são de lá

Em Madureira  
E no Mercado você pode comprar  
Por uma pechincha você vai levar  
Um denço, um sonho pra quem quer sonhar

Em Madureira  
E quem se habilita até pode chegar  
Tem jogo de lona, caipira e bilhar  
Buraco, sueca pro tempo passar

Em Madureira  
E uma fezinha até posso fazer  
No grupo dezena, centena e milhar  
Pelos sete lados eu vou te cercar

Em Madureira  
E lalalaiala laia la la ia  
E lalalaiala laia la la ia  
E lalalaiala laia la la ia

Em Madureira  
[...]<sup>1</sup>

A composição que descreve um dos mais conhecidos bairros do subúrbio carioca, Madureira, revela também a caracterização da categoria de análise lugar. O lugar, que representa no caráter geográfico a vivência, encaminha para a compreensão do sentimento de pertencimento do autor com o bairro descrito. Além da caracterização física do bairro, revelando sua localização, os bairros do entorno, as ruas, os comércios, Arlindo Cruz mostra os significados que Madureira carrega para ele. Mais do que um bairro, é seu local de descanso, de trabalho, de conquistas e realizações, os aspectos culturais do local são evidenciados, a religiosidade, as comemorações e os costumes são cantados e admirados pelo cantor. Através dessa música, pode-se compreender uma série de relações políticas, sociais, econômicas e culturais do bairro Madureira, sem ao menos visitar o lugar, mas sob a perspectiva de um morador que possui afetividade e sentimento de pertencimento.

---

<sup>1</sup> ARLINDO CRUZ. Meu Lugar. In: \_\_. **Batuques do meu lugar**. Gravadora: Sony Music. 2012. CD. Faixa 1.



Essa música é uma ótima ferramenta para trabalhar as questões de relação espacial, inclusive com a partir da utilização de mapas e escalas cartográficas; com ela pode-se desenvolver atividades que façam os alunos pensarem e descreverem cada um o “seu lugar”, essa análise induz o estudante a observar o seu bairro, o bairro da sua escola, os bairros que o contornam, as distâncias entre determinados pontos, os serviços que estão ou que faltam no local, como aparecem e quais são as manifestações culturais presentes no local, quais as manifestações religiosas presente e se essas trazem ou não diversidade, incluindo a afro-brasileira, as características principais do local, os sentimentos do estudante com local (afável ou não), as relações políticas, sociais, econômicas e culturais que ali acontecem, a caracterização física, entre outras questões que permitem uma melhor compreensão da dinâmica sócio-espacial.

Sobretudo, pelo autor evidenciar as questões que englobam as africanidades em seu lugar, especificamente através da citação de Entidades do Candomblé e Umbanda, e o terreiro que é a localidade sagrada para estas religiões, citando o samba, o pagode e jongo (que é uma dança de origem africana, realizada ao som de tambores como o caxambu e que influenciou na criação do samba carioca) como representações culturais tradicionais de seu bairro. Tratar destes temas dentro de sala de aula, é valorizar e reconhecer a cultura afro brasileira, oportunizando diálogos antirracistas e de empoderamento negro acerca da temática, buscando instruir os alunos a perceberem e localizarem estas manifestações nos seus próprios bairros e nos demais locais que frequentarem.

Assim, pode-se trabalhar a geografia e a cartografia escolar, de forma dinâmica e artística com os alunos visando um aprendizado crítico e uma melhor relação com o conteúdo principalmente através de práticas que caminhem para uma discussão antirracista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desta forma, compreendendo as irregularidades e contradições que estruturam e fundam a sociedade brasileira, torna-se importante que a escola seja um ambiente propício para desenraizar pré-conceitos, hábitos e ideologias frequentemente perpetuadas; sejam elas conscientes ou inconscientes, que confluem e fortificam um pensamento hegemônico. As aulas de Geografia têm papel fundamental nesta questão, pois podem e devem auxiliar os alunos na construção de visões críticas acerca da



realidade e da autonomia de pensamento, conscientes da história de seu país e das consequências decorrentes da colonização; que afetam diversas áreas, como as relações sociais, de trabalho, econômicas. A Geografia Escolar, neste sentido, pode abrir espaço para diálogos antirracistas e de empoderamento negro e indígena, por exemplo; muitas são as formas de abordagem e desenvolvimento de conteúdos com viés crítico e atento que podem surtir efeitos subversivos e potentes na vida dos alunos.

O ensino de Geografia proporciona uma gama de possibilidades e recursos não tradicionais ou meramente expositivos e decorativos para serem trabalhados. É de suma importância a utilização de metodologias e ferramentas alternativas àquelas convencionais para uma aprendizagem efetiva e que proporcione ao aluno uma maior e melhor compreensão do conteúdo.

A música se faz enquanto uma ferramenta fundamental para a compreensão do espaço, através de suas simbologias faz compreender o espaço sob as mais diversas características e relações políticas, culturais, econômicas, sociais, além de caracterização física do espaço. A utilização de músicas para o ensino de Cartografia escolar pode aproximar o aluno ao conteúdo, permitindo uma aprendizagem mais significativa, crítica e efetiva.

Portanto, caracteriza-se como de grande valia uma prática pedagógica que evidencie que o preconceito e o racismo existem e devem ser urgentemente combatidos, visto que, ao mesmo tempo em que a escola e a educação podem ser transformadoras e libertadoras, se não nos atentarmos a práticas antirracistas e que evidenciem a importância do estudo da cultura afro-brasileira, a escola e a educação pode continuar a reproduzir o racismo e a formar sujeitos racistas, mesmo que de forma velada.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. A Geografia, a África e os Negros Brasileiros. In: KABENGELE, Munanga, organizador. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 173- 184

CAVALCANTI, L. S. **Pensar Pela Geografia: Ensino e Relevância Social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CRUZ, A. **Meu Lugar**. Rio de Janeiro: DeckDisc: 2007. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TC3BhhraHgc>> Acesso em: 9 de outubro de 2020.



FIORIN, J.L. Identidade nacional e exclusão social. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.58, n.1, p. 63-77, jan.abr/2016.

PEREIRA, C.M.R.B. Um mundo de aproximações geográficas com a obra de Chico Buarque: música, linguagem e pensamento geoespacial. In: **Boletim Paulista de Geografia**, v. 99, 2018, p.142-160.

RACIONAIS MCS. **A Fórmula Mágica da Paz**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica: 1997. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ewHxfBtNC8E>> Acesso em: 9 de outubro de 2020.

SANTOS, M. A formação social enquanto teoria e enquanto método. In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.54, jun./1977, pp.81-100.

SANTOS, V.P.; MELO, J.A.B; Conhecendo o Espaço Vivido Através da Cartografia Escolar. In: **Geo UERJ**. Rio de Janeiro - Ano 16, nº. 25, v.2, 2º semestre de 2014, pp.108-121.

SAUL, A. VOLTAS, F.Q. Paulo Freire e Antonio Gramsci: Aporte para pensar a formação de professores como contexto de construção de práxis docentes contra-hegemônicas. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 134-151, mai./ago. 2017.

